ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

A PARTICIPAÇÃO DE EVANGÉLICOS NA POLÍTICA BRASILEIRA: DO SIGILO NAS LOJAS MAÇÔNICAS AO GRITO PRÓ DIREITA NAS RUAS

Wander de Lara Proença (UEL/PQ)[1]

Resumo: O trabalho apresenta, em perspectiva histórica, percursos do comportamento evangélico em relação à esfera política no Brasil. De uma articulação sigilosa no interior de lojas maçônicas, no século XIX, passando-se pelo escapismo de uma escatologia voltada ao "celeste porvir" até os anos 1950, os evangélicos se engajaram no ativismo político a partir dos anos 1960, articulando a formação de uma bancada no Congresso Nacional e o apoio majoritário na eleição de um presidente militar declaradamente de direita em 2018, mediante mobilização de fieis nas ruas, seguido de ocupação expressiva de cargos administrativos no referido governo. No segundo turno daquele pleito, o candidato vencedor, não obstante permanecer oficialmente católico, foi identificado por uma maioria evangélica como seu representante ao trazer como parte de seu slogan de campanha a frase carregada de simbolismo, "Deus acima de todos", prometendo assim defender a fé, a família e o combate à chamada ideologia de gênero nas escolas. Para entender como se deu este processo, articulam-se questões entre teologia e a nova história política, como: qual o comportamento político dos primeiros protestantes estabelecidos no Brasil? Qual o comportamento evangélico, incluindo protestantes e pentecostais, em relação à política brasileira ao longo do século XX? Quem são os evangélicos que se identificam politicamente com a direita e com a esquerda? O que os leva a este posicionamento? Quais são as pautas ou demandas dos evangélicos quando buscam a eleição de seus representantes para cargos públicos?

Palavras-chave: Evangélicos. Política. Direita. Maçonaria.

INTRODUÇÃO

O protestantismo se estabeleceu no Brasil, no século XIX, beneficiando-se da força política da Inglaterra[2] e da maçonaria[3] para superar restrições em um país sob influência do

[1] Doutor em História. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: wander@uel.br

[2] Em 1810, registra-se a celebração do Tratado de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação entre Portugal e Inglaterra, abrindo com isso os portos "às nações amigas", permitindo que protestantes anglo-saxões começassem a chegar e se estabelecer no Brasil com relativa liberdade para suas práticas religiosas.

[3] O termo vem do francês *maçon*, que quer dizer *pedreiro*. A organização surgiu na Idade Média, época de grandes construções em pedra – como castelos e catedrais –, a partir de uma espécie de embrião dos sindicatos: as chamadas corporações de ofício. Nelas se reuniam os trabalhadores medievais – como alfaiates, sapateiros e ferreiros, que guardavam absoluto segredo ou sigilo de suas técnicas. Após aquele período, a maçonaria passou a admitir outros membros, além de pedreiros. Transformou-se em uma fraternidade dedicada à liberdade de pensamento e expressão, religiosa ou política, e contra qualquer tipo de absolutismo. Passou a exercer grande influência no campo político, como na Revolução Francesa e independência dos Estados Unidos. No Brasil, participou decisivamente da abolição da escravatura, da Independência e da proclamação da República. "Para fazer parte dela o indivíduo deve crer em Deus e ter uma conduta ética e honesta. Não pode contar o que ocorre nas reuniões e nem se identificar como maçom para as outras pessoas". (ALBUQUERQUE, 2001).

padroado.[4] A maçonaria, que já estava fixada no país desde o século XVIII, com algumas lojas[5] organizadas nas cidades mais importantes, além de oferecer aos protestantes os espaços de sua instituição para que fossem realizados cultos, reuniões e atividades sociais, assegurou força política à fé evangélica frente ao controle católico. No período de elaboração da primeira Constituição do Brasil, em 1824, discussões religiosas também ganharam evidência e os protestantes buscaram apoio político junto a parlamentares, de ideias liberais. Dos 90 constituintes que participaram da elaboração desta primeira carta constitucional, 20 eram padres; esse peso favorável à fé católica só foi atenuado devido ao posicionamento de outros parlamentares que eram maçons, em número bastante representativo e com força no parlamento, sobretudo pela proximidade com o próprio imperador D. Pedro I, um expoente de grau elevado naquela sociedade secreta. Com amistoso posicionamento da maçonaria a favor do protestantismo, o resultado foi que, mesmo continuando a ser a religião oficial do Estado e a única mantida por ele, a Igreja Católica viu a Constituição[6] reconhecendo o Brasil pela primeira vez como nação cristã em todas as suas confissões, garantindo liberdade religiosa, ainda que mantidas determinadas restrições.

Com D. Pedro II no poder, a partir de 1840, a abertura aos protestantes se ampliou. Um dos articuladores para isto foi James Cooley Fletcher - americano, protestante e "expositor das Sagradas Escrituras", considerado o "apóstolo do progresso" – que fez muitas amizades no Império, aproximando-se, por exemplo, de Tavares Bastos, influente deputado liberal, ligado à maçonaria. A ideia de progresso, tão cara à maioria dos intelectuais do período, era frequentemente associada ao protestantismo. Destas relações advieram estratégias e fortalecimento para se enfrentar um "oponente comum": o catolicismo. (VIEIRA, 1980, p.11).

[4] Regime estabelecido entre a Igreja Católica e os reis de Portugal e Espanha, que previa apoio mútuo, troca de favores e fidelidade entre as coroas e o catolicismo romano. Neste sistema, era o rei quem, em seus domínios, escolhia os cargos religiosos, permitia ou proibia o estabelecimento de ordens religiosas e a construção de edifícios religiosos, que controlava as cobranças de doações e das taxas do dízimo da população e que pagava os salários dos sacerdotes.

[5] As lojas são os locais onde ocorrem as reuniões dos membros para a práticas de seus ritos servindo também para atividades sociais. As lojas ficam instaladas no interior do templo maçônico; um mesmo templo pode abrigar mais de uma loja. A fundação da primeira loja maçônica no Brasil, "Cavaleiros da Luz", ocorreu em 1797, na cidade de Salvador, na Bahia. Em 1802 surgiu a loja "Virtude e Razão", na mesma cidade. Em seguida foi criada uma em Recife, Pernambuco. Em 1815, nove maçons fundaram no Rio de Janeiro a "Loja Comércio e Artes". Em 1822, essa loja já contava com 94 membros, sendo em seguida desmembrada em três, agregadas pelo título de Grande Oriente Brasileiro. O Imperador D. Pedro I foi grão-mestre desta loja, razão pela qual a mesma exerceu grande influência política nos destinos do Brasil, não apenas no contexto da Independência. Ainda eram poucas as lojas neste período inicial, havendo por isso em alguns lugares adaptações improvisadas em espaços de navios ou casas particulares de seus membros. (VIEIRA, 1980).

[6] No texto constitucional, artigos asseguravam a primazia católica: "Artigo 103 - O imperador deverá jurar manter a religião Católica Romana. [...] Artigo 179 - Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado". (CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1824, apud FERREIRA, 1992, p.69).

DA INDIFERENÇA ÀS PRIMEIRAS MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS

A primeira metade do século XX ficaria marcada pela ausência da participação evangélica na esfera da política pública, com a indiferença de *outsiders*, vivendo em seu próprio mundo, tendo como slogan: "o crente não se mete em política". Tal comportamento é fruto, em parte, de sua visão escapista da história, decorrente de uma escatologia pré-milenista, originária nos Estados Unidos da América, que projeta os ideais de uma vida melhor para um devir apocalíptico, no celeste porvir, não havendo assim maiores esperanças ou perspectivas nesta dimensão terrena, o que significa total descrença em qualquer mobilização ou atuação política, cabendo ao crente apenas aguardar "novos céus e nova terra".

A mudança no comportamento político dos evangélicos ocorreria a partir da década de 1960, quando vivenciaram a disseminação de um medo do comunismo, por estar associado ao ateísmo, à interferência no comportamento social e nos valores da família, no fechamento de igrejas e perseguição aos cristãos. Vinculado ao bloco da União Soviética, a visão comunista estava identificada com a esquerda e envolvida com a chamada Guerra Fria – que polarizava os blocos soviéticos e norte-americanos - levando as igrejas evangélicas a reverberarem em suas pregações a ideologia de combate e enfrentamento ao que chamavam de demônio soviético" ou "reino do anticristo".

Nas eleições para a constituinte de 1988, que iria elaborar a nova Constituição do país, instrumentalizou-se a participação político-partidária de evangélicos a fim de assegurar seus interesses e valores morais na nova Carta Magna. Especialmente a igreja Assembleia de Deus - maior denominação do país - mobilizou seu eleitorado para eleger seus representantes, tendo como objetivo fortalecer as trincheiras contra o comunismo e também em relação a uma fantasmagoria de que a Igreja Católica poderia voltar a ser a religião oficial do estado. Surge, aí, nesse momento, um novo slogan: "irmão vota em irmão". Como resultado, foram eleitos 32 deputados: nascia a Frente Parlamentar Evangélica (hoje Bancada Evangélica).

Outra mobilização ocorre com o advento do neopentecostalismo, a partir dos anos 1970, que passou a ter como uma de suas principais estratégias de expansão o uso dos meios de comunicação de massa, como rádio e TV, sendo para isso fundamental buscar aproximação da política para obtenção de concessões destes veículos de comunicação. Neste caso, o mandato pertence à igreja, havendo também um direcionamento verticalizado para a eleição de seus candidatos pelos membros da comunidade de fé, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, que é, inclusive, idealizadora e mandatária do Partido Republicano.

A IDENTIFICAÇÃO EVANGÉLICA COM A DIREITA

A noção conceitual de *direita* é abrangente e notadamente complexa. São aqui identificadas três configurações e as circunstâncias históricas a elas associadas, priorizando suas relações com o contexto brasileiro.

Primeiro, uma *extrema-direita* vinculada ao nazi-fascismo, no intercurso temporal das duas Grandes Guerras.[7] Umberto Eco, em seu texto *O fascismo eterno*,[8] comenta sobre essa referência inaugural:

> Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu, e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini. O fascismo italiano foi o primeiro a estabelecer uma liturgia militar, um folclore, até mesmo uma forma de se vestir. (ECO, 2019, p.28,29).

Não obstante a diversidade e os elementos internos contraditórios, do fascismo, o autor considera possível esboçar uma lista de características que lhe são comuns, observando que "é suficiente que uma delas esteja presente para que o fascismo se aglomere ao seu redor": o culto da tradição; florescimento em contextos de frustrações individuais ou sociais (o que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas); a ideia de uma ameaça externa (sendo isto fundamental para reforçar a identidade nacional), um ideário apocalíptico (no qual os inimigos podem e devem ser derrotados pelo movimento que, enfim, assumirá o controle, estabelecendo a paz e a ordem); desvalorização da vida de outrem ou sua banalização; enfraquecimento ou ataque a formas de conhecimento crítico (daí porque todos os livros escolares nazistas ou fascistas terem feito uso de um vocabulário empobrecido e de uma sintaxe elementar, de forma a limitar as ferramentas para o raciocínio complexo e a criticidade) (ECO, 2019, p.44-53).

Francisco Carlos Teixeira (2018) comenta que "o fascismo faz parte da história brasileira", pontuando que "o fascismo brasileiro é o integralismo".[9] Ancorado no lema "Deus, pátria e família", o integralismo

[7] Não deixando de considerar, obviamente, a existência de outros movimentos com perfis similares aos de comando de Benito Mussolini, na Itália, e Adolf Hitler, na Alemanha, como são os casos do "fascismo espanhol", liderado por Francisco Franco, e o "fascismo português", sob liderança de António de Oliveira Salazar.
[8] Produzido originalmente para uma conferência proferida na Universidade Columbia, em abril de 1995.
[9] O autoritarismo e o nacionalismo dos integralistas aproximaram-nos dos governos de Getúlio Vargas. Porém, apesar de o Estado Novo instituído em 1937 ter o centralismo na instituição estatal e o extremo autoritarismo como características, os integralistas foram perseguidos durante a ditadura de Vargas, que extinguiu os partidos. A partir desse momento, os integralistas não conseguiram mais se organizar com a mesma força, sendo hoje um movimento político residual que busca espaço no cenário brasileiro.

> surgiu oficialmente no ano de 1932, a partir da fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB), que também foi, certamente, a maior organização integralista já existente. Inspirados por movimentos fascistas europeus, mas também por algumas organizações e grupos nacionais, sobretudo aqueles ligados a setores do conservadorismo e tradicionalismo católico, a AIB foi a principal organização fascista existente na história brasileira. (NETO, 2012, p.149).

Uma segunda referência de *direita* pode ser situada quando os Estados Unidos, no período pós Segunda Guerra, protagonizou contra o bloco soviético uma disputa de poder no contexto da chamada Guerra Fria. No ambiente latino-americano, essas tensões ecoaram como voz convocatória norte-americana para enfrentamento do comunismo e da esquerda soviética, vistos, dentre outros aspectos, como representantes do ateísmo, da interferência do Estado nos valores morais e da família, além de tolhimento da liberdade. O combate a esta "esquerda ameaçadora" legitimou a insurreição de golpes contra a democracia com imposição de ditaduras na América, como foi o caso do governo civil-militar instaurado no Brasil em 1964. Dessa forma, fixava-se ainda mais no imaginário coletivo a identificação imediata de governos autoritários de *direita* como os defensores da pátria, da religião e da família.

Uma terceira demarcação emerge no contexto mais recente, como uma "nova direita" ou, em seus traços mais extremistas, como um neofascismo. Umberto Eco observa que aquele arquétipo do nazi-fascismo - originário na Itália e Alemanha - não pode ser historicamente reeditado: "Se pensarmos sobre os governos totalitários que governaram a Europa antes da Segunda Guerra Mundial nós podemos facilmente dizer que seria difícil para eles reaparecerem sob a mesma forma em diferentes circunstâncias históricas" (ECO, 2019, p.22). Entretanto, relembra que é preciso considerar que práticas com perfis semelhantes têm permanentes reaparições no devir histórico. Dentre as características do "fascismo eterno", destacam-se, por exemplo, o medo do diferente, o machismo, a repressão e o controle da sexualidade, a exaltação de um líder, a propagação de um constante estado de ameaça, além do irracionalismo e oposição à análise crítica, reeditando o que diziam os primeiros líderes fascistas: "as universidades são um ninho de comunistas" (ECO, 2019, p.49). Assim, longe de ser apenas um momento histórico ocorrido na Itália, a atual "ascensão mundial do flerte com o fascismo revela que este permanece como uma ameaça constante da nossa sociedade" (ECO, 2019, p.54-55).

Também reiterando que esse nazi-fascismo histórico não se repete, por isso não deve ser usado como métrico para intepretação da direita em outras temporalidades, Francisco Teixeira observa que "ele se reinventa o tempo todo, por meio de práticas que recriam ou ressignificam algumas daquelas características originárias". Para exemplificar como se reatualizam as ideias de *direita* com cariz fascista no contexto brasileiro atual, cita o desejo dos

que atualmente querem a volta da monarquia ou pedem intervenção militar, que atacam a arte e a cultura, que defendem ideias de Olavo de Carvalho; ou ainda, manifesta-se pela estratégia de um governo que busca eliminar da matriz curricular disciplinas de perfil crítico, como História e Sociologia, que promove a militarização das escolas, que propõem a chamada "escola sem partido" e vê o professor como inimigo, além do desmonte dos bens culturais do Brasil. "São forças fascistas conquistando o estado, a cultura, a saúde, a educação" – observa o historiador, acrescentando ainda que uma de suas marcas históricas tem sido "o desprezo pela vida ou a sua banalização", como demonstrado "no modo como a Amazônia vem sendo agredida, no massacre de índios e invasão de terras em nome do desenvolvimento econômico" (TEIXEIRA, 2018, áudio).

Em relação ao integralismo brasileiro, Odilon Neto destaca que anseios deste movimento estão novamente em moda, reinventando práticas fascistas, como substratos do pensamento de *direita* ou *extrema-direita*: "Os grupos neointegralistas, isto é, organizações integralistas surgidas após a morte do líder Plínio Salgado, buscam, desde a década de 1970, a inserção no âmbito político nacional, sobretudo como referência à extrema-direita e direita radical nacional" (NETO, 2012, p.147). Observa que, com o fim da ditadura civil-militar, a redemocratização e a promulgação da nova Constituição Federal, em 1988, instituiu-se o sistema eleitoral democrático e também a prerrogativa pluripartidária. Com isso, ocorreu "a criação de novas possibilidades de atuação para diversas tendências políticas existentes no período",[10] inserindo-se neste contexto "o neointegralismo e outros movimentos e organizações da direita brasileira" (NETO, 2012, p.148). Simultâneo a isto, o discurso negacionista foi aí usado como um dos recursos para se criar um ambiente de maior aceitação da *direita* – quando se nega, por exemplo, as formas de violência pela ditadura militar no Brasil, descolando-a dos mecanismos de repressão – e desse modo manter suas representações positivas no imaginário popular.[11]

Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, houve um deslocamento do olhar ou adição de causas a serem combatidas pelos evangélicos. Os partidos de esquerda abraçaram pautas a

[10] Neste período também ocorre "o crescimento daquele que veio a ser um referencial da direita brasileira pós-ditadura no âmbito das agremiações políticas: o PRONA (Partido de Reedificação da Ordem Nacional), fundado pelo médico cardiologista Enéas Ferreira Carneiro"'. Entre as bandeiras de sua militância, estavam: "um discurso ultranacionalista, adepto de um nacionalismo orgânico, contra a submissão do Brasil a órgãos internacionais e em defesa da família cristã; contra o aborto e união civil homossexual" (NETO, 2012, p.161).

[11] Tendo sido a ditadura militar brasileira um fenômeno de direita, consequentemente isto teria gerado a posteriori alguma dificuldade aos movimentos, organizações e diversos grupos da direita radical e extremista brasileira surgida após aquele regime, no qual se insere o fenômeno neointegralista, visto que, ao menos oficialmente, buscava-se superar aquele capítulo da história brasileira marcado pela *direita* (NETO, 2012, p.148).

favor de temas muito polêmicos para a visão evangélica conservadora: temas ligados à família, aborto, criacionismo, gênero, homossexualidade, movimento feminista e drogas.

Pastores e parlamentares evangélicos, sobretudo os pentecostais e neopentecostais, identificam-se como conservadores e de direita. Esse conservadorismo é referente à preservação de princípios bíblicos no modo de educar os filhos, do casamento heteroafetivo, do modelo de família nuclear, considerado tradicional.

> Na deriva da expansão pentecostal, vicejou uma direita cristã antipluralista, afinada com traços da congênere norte-americana, que, localmente, articula retórica antiesquerdista e anticomunista com teorias conspiratórias e persecutórias contra o que rotula de "bolivarianismo", "marxismo cultural", "ideologia de gênero", vistas como ameaças à liberdade religiosa, aos valores cristãos e à "família tradicional". (GIRARDI; MARIANO, 2019, p.332).

As representações de "direita" e "esquerda" no imaginário evangélico assumem sentidos religiosos, polarizadas entre sacralização e demonização:

> A campanha antipetista evangélica não se restringiu a acusar grupos, partidos, parlamentares, governos e candidatos do PT e de esquerda de serem comunistas, anticristãos, imorais e inimigos do Evangelho. Sacralizou candidatos e partidos conservadores e de direita, identificando-os como representantes políticos dos princípios cristãos e de Deus. (GERARDI; MARIANO, 2019, p.344).

A concepção de "esquerda" é bastante associada ao ateísmo e a questões morais:

> Apesar de o PT não ser um partido que tenha uma agenda comunista ou socialista, os evangélicos imaginam que a esquerda é comunismo, e comunismo é algo ateu, contrário à família. Essa é a visão preponderante. É uma visão simples de associar um selo. Esquerda, então comunista. Comunista, então ateia. Ateia, contra a família e pró-união homoafetiva e aborto, por exemplo. (VELOSO, 2018, p.6).

Essa relação entre o político e o religioso pode ser dimensionada nas palavras de Ana Paula Valadão, jovem líder da Igreja Batista de Lagoinha, de Belo Horizonte, e vocalista da banda gospel Diante do Trono – uma das mais famosas e influentes da música gospel - quando durante a última campanha eleitoral para presidente, em 2018, conclamou fiéis e seguidores por meio de vídeo no Youtube a votarem a "favor dos princípios bíblicos e da direita", argumentando que era seu dever assim proceder para "um livramento da nação brasileira":

> Vim aqui reforçar que eu e você temos que nos posicionar hoje a favor dos princípios bíblicos. [...] Você deve estar fazendo valer o seu voto contra essas enxurradas de maldições, de malignidades [...] É hora de você fazer o seu voto valer, não apenas votar em alguém que você gosta, com essa ou aquela proposta, mas votar em quem vai **derrubar a esquerda deste país**. Se você prestar atenção, **a gente precisa votar no Bolsonaro**, para que ainda no primeiro turno a gente acabe com essa discussão. Porque se houver segundo turno, existe uma grande possibilidade do PT voltar ao poder. Mesmo que haja outros candidatos com que você se identifique, vote raciocinando da seguinte forma: "Eu preciso tirar essa esquerda podre do governo do país. E eu vou votar no Bolsonaro porque ele é o único que tem a chance de vencer no primeiro turno". Vote também nos dois candidatos a senadores do seu estado, de forma a **apoiar a direita, que são os representantes dos princípios cristãos, princípios conservadores.** (VALADÃO (a), 2018, vídeo).

É possível se afirmar, portanto, que há uma diversidade da *direita* no cenário brasileiro atual:

> Há, desde o início da década de 2010, um crescimento da direita no Brasil. Esse fenómeno seria contemporâneo do avanço da extrema-direita na Europa e nos EUA e seria uma evidência a mais da guinada conservadora das democracias ocidentais a partir do início do século XXI. Todavia, no Brasil esse processo é extremamente complexo porque, a par da antiga direita - ligada aos partidos tradicionais vinculados ao regime ditatorial-militar, como o DEM (o novo nome do PFL) e o PP (antigo PPB, PDS e Arena) -, há ao menos três factos novos: **a ascensão de uma direita religiosa com o aumento numérico da "bancada evangélica**" na Câmara dos Deputados, o surgimento de uma direita tipicamente liberal, em economia e em costumes, representada seja pelo NOVO, seja por uma corrente que disputava a hegemonia no PSL, os livres; e por último, mas não menos importante, a ascensão de movimentos sociais conduzidos por novas lideranças políticas de fora do establishment político tradicional, como o Movimento Brasil Livre (MBL). (BERLATTO, BOLONGNESE, CODATO, 2018, p.2). (Grifos nossos).

A IDENTIFICAÇÃO COM A FIGURA DE BOLSONARO

As eleições presidenciais de 2018 projetariam um candidato como resposta a anseios evangélicos. Jair Bolsonaro, que no Congresso Nacional havia atuado como deputado por sete mandatos, enquanto candidato, prometia combater a esquerda e o petismo; seu discurso avançou em bandeiras moralistas, prometendo defender a fé, a família, o controle na educação dos filhos, o combate à chamada ideologia de gênero nas escolas, alternando com frequência referências ao Hino Nacional e repetição à exaustão dos dizeres bíblicos: "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8:32). Esta frase, a despeito de sua interpretação anacrônica e fora de contexto, juntou-se ao *slogan* "Brasil acima de tudo e Deus acima de todos", reverberando favoravelmente no imaginário evangélico. Projetou-se como um militar capaz de derrotar o inimigo petista e os perigos a ele associados, de livrar o país do comunismo, de assegurar o direito aos pais de educarem seus filhos.

A partir do segundo semestre daquele ano eleitoral, vários líderes evangélicos influentes, como Silas Malafaia, Marco Feliciano, Edir Macedo, R.R. Soares, José Wellington, além de cantores conhecidos da música gospel, declararam apoio apologético à eleição do atual presidente. A posição anti-esquerda ficou evidenciada, por exemplo, nos argumentos de apoio absoluto ao candidato de direita na última eleição presidencial. O deputado federal Hidekazu Takayama (PSC/PR), pastor da Assembléia de Deus e presidente da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que reúne centenas de deputados e senadores, pouco antes do primeiro turno oficializou apoio da bancada a Bolsonaro, ressaltando que "o grupo entende que Bolsonaro é o nome mais adequado para lutar pelas pautas de seus integrantes", acrescentando que "nosso

intuito é evitar que candidatos filiados a extrema esquerda assumam, mais uma vez, a direção do país" (ESTADÃO, 2018, p.1). Foi assim sacralizada a direita política e demonizado o Partido dos Trabalhadores e toda a esquerda, sob acusação de terem Cuba como referência e o projeto de "tornar o Brasil uma Venezuela".

Passada a eleição, pesquisas apontaram que 70% dos evangélicos votaram em Jair Bolsonaro, representando cerca de 11 milhões de votos a mais em relação aos evangélicos que votaram em Fernando Haddad, concorrente petista, ou seja, a diferença de votos que Bolsonaro obteve sobre Haddad no pleito corresponde exatamente à diferença do número de eleitores entre os evangélicos que escolheram votar no ex-capitão.

O presidente eleito soube mobilizar um imaginário a seu favor: "O sucesso do discurso de Bolsonaro se deve quase que integralmente a sua intuição de capitalizar a potencialidade existente na maioria dos evangélicos brasileiros para ações políticas de direita" (CAMPOS, 2019, p.360). Enquanto ainda candidato, em entrevista ao programa Roda Viva, afirmou: "Nós queremos um redirecionamento do Brasil no tocante à sua política; nós cansamos da esquerda, queremos um país liberal, que respeite a família e nossas crianças na sala de aula, que jogue pesado contra o MST" (RODA VIVA, 2018). Com sua vitória eleitoral, evidenciou-se a consolidação de uma direita evangélica no Brasil. Ao assumir o poder, nomeou evangélicos para ocuparem os cargos no primeiro e segundo escalões de seu governo.

Conforme conceitua Bourdieu (2002, p.154), essa projeção do fascínio pessoal do líder é coletivamente atribuída pelo grupo, por sintetizar e responder positivamente a seus anseios e expectativas que, às vezes, estão latentes em uma maioria silenciosa.[12] Exemplificando, no caso de Bolsonaro, "ele se apresenta como um escolhido pela divindade para captar as esperanças e decepções dos desiludidos da política. Julga-se capaz de transformar o desespero em esperança" (CAMPOS, 2019, p.362). Sobre isso ele declarou: "não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer" (Folha de S. Paulo 9/6/16). Desse modo, na performance da figura revestida de carisma, a violência se transforma em virtude, o autoritarismo se transfigura em autoridade, o poder humano se reveste de vocação divinamente concedida. Isso faz com que sejam apoiados e legitimados seus discursos sobre teorias conspiratórias ou persecutórias alimentadas por *fakenews*, desvalorização das instituições democráticas, de negacionismos, como por exemplo,

[12] Como exemplo, a figura de Bolsonaro: "Ele exerceu cargo de deputado a quase ¼ de século; não foi eleito no período da ditadura, mas no florescer da abertura democrática; foi eleito pelo Rio de Janeiro por 7 mandatos, um estado com os maiores índices de escolaridade, sendo 464 mil votos na última eleição para deputado; logo ele não é sozinho o bastião da direita, ele precisa de uma plateia direitista que o eleja, e essa plateia é numerosa" (KARNAL, 2018).

sobre a devastação do meio ambiente, do aquecimento global ou exploração da Amazônia pelo agronegócio em nome do desenvolvimento econômico, ao preço de práticas predatórias e morte de lideranças indígenas.

Líderes com cariz fascista se caracterizam por projetar inimigos a serem derrotados, explorando o medo da população frente a uma ameaça ou contexto de instabilidade. Sua força simbólica é muito mais representativa quando revestida do elemento religioso, como alerta Umberto Eco:

> Mussolini não tinha qualquer filosofia: tinha apenas uma retórica. Começou como ateu militante, para em seguida assinar a concordata com a igreja e confraternizar com os bispos que benziam os galhardetes fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, segundo uma lenda plausível, pediu certa vez que Deus o fulminasse ali mesmo para provar que existia. Evidentemente, Deus estava distraído. Nos anos seguintes, **em seus discursos, Mussoloni citava sempre o nome de Deus e não se importava de ser chamado de homem da Providência**. (ECO, 2002, p.9). (Grifos nossos).

VETORES DO COMPORTAMENTO EVANGÉLICO NA POLÍTICA

A busca de disseminação de uma cultura cristã em diferentes setores da sociedade, pela mobilização evangélica, tem se dado por meio de um movimento denominado "teologia do domínio" ou "teologia dos sete montes".[13] A simbologia dos montes se refere ao papel da igreja em ser responsável por estabelecer princípios da fé cristã nos diversos setores da sociedade, posicionando-se "no cume dos montes para dessa forma influenciar a sociedade", adotando para isso "uma mentalidade de conquista, com o propósito de alcançar a qualidade de ser cabeça de toda cultura" (GUILLEN, 2000, p.6). Parte-se de uma constatação:

> Hoje, o controle de várias das esferas mais influentes **está nas mãos da esquerda secular,** especialmente na educação e na mídia. Ainda há resistência na área dos negócios e no campo político. Os mestres desse ensino das sete montanhas estão encorajando os cristãos e judeus messiânicos a abraçar os chamados em cada uma dessas sete esferas para mudar a direção de toda a cultura. (REVISTA IMPACTO, 2015, p.2). (Grifos nossos).

Esse movimento surgiu com a criação nos anos 1990 da Capitol Ministries (Ministério do Capitólio)[14] - símbolo do Congresso americano - com a finalidade de desenvolver um cristianismo aplicado à política, ou seja, "converter" políticos e servidores públicos a uma visão cristã evangélica da política, alinhada à ultradireita americana. Com isso, busca-se promover os valores conservadores, controle e ordem, defesa dos princípios morais cristãos tidos corretos

[13] Uma referência simbólica para identificar sete áreas: artes e entretenimento; mídia e comunicação; governo e política; educação e ciência; família; economia e negócios; igreja e religião. Ver livro: GUILLEN, Fernando. *Sete montes*. Macaé: Editora Sete Montes, 2000.
[14] Criado pelo pastor Ralph Drollinger, ex-jogador de basquete, na Califórnia.

em relação, por exemplo, a temas como casamento e aborto. Uma ramificação do Capitol Ministries surgiu em 2001, com a criação do "The Call Ministries" (Ministério A Chamada), pelo pregador norte-americano Lou Eagle.[15] Voltado prioritariamente à juventude, esse movimento passou a promover uma série de eventos evangélicos em estádios, com shows musicais, orações e pregações religiosas com foco em questões morais e culturais, reunindo centenas de milhares de pessoas, atraindo participantes de vários países. Permeado por discursos de uma cultura comportamental conservadora – organizando, por exemplo, protestos públicos contra o direito ao aborto e as relações homoafetivas - o movimento alcançou a simpatia da direita cristã americana. Em 2016, em um dos eventos realizados pelo The Call, no estádio Los Angeles Memorial Coliseum, o pregador fez um apelo aos presentes: "Tirem seus sapatos e levantem para o céu se estiverem dispostos a ir a qualquer lugar do mundo para expandirem a mensagem do evangelho. Foram 70 mil pares de sapato no ar". Nascia, assim, o The Send (O Envio), com a missão de expandir aquela mobilização. Três principais frentes de atuação foram definidas: as mídias sociais, reunindo virtualmente os jovens identificados como "webcrentes"; as universidades; realização de eventos em estádios com músicas e workshops (THE SEND BRASIL, 2021).[16]

Como plano de expansão para a América Latina, o Brasil foi escolhido como a primeira sede de um grande impacto do The Send, o que ocorreu em fevereiro de 2020, com a realização de três encontros, dois em São Paulo e um em Brasília, em três estádios de futebol lotados, com a presença de milhares de jovens.[17] Marcaram presença nestas edições pregadores norte-americanos, líderes evangélicos nacionais e as bandas de música gospel mais conhecidas no

[15] Lou Engle é um líder evangélico americano, conhecido por defender que questões como aborto e homossexualidade devem permanecer no centro das pautas de enfrentamento pelo movimento evangélico. Seus simpatizantes militam para que evangélicos votem em candidatos políticos "pró-vida". Assumindo uma posição firme em questões tradicionalmente associadas à direita cristã, os eventos de Engle atraíram o apoio de líderes evangélicos nos diversos escalões da política americana. Atualmente, Lou é o responsável pela implantação de diversos núcleos desse movimento em várias partes da América do Norte e Latina.

[16] Em seu site oficial, no Brasil, o The Send se define como um "movimento missionário", que reúne missionários internacionais e líderes de diferentes "organizações" evangélicas de várias igrejas; viaja o mundo se apresentado em grandes estádios, para realização de palestras, pregações, músicas e orações, tem a missão de incentivar os jovens a expandir a mensagem evangélica para não-evangélicos, com duração de 12 horas em cada evento. Ver mais detalhes em: http://thesend.org.br/historia-pt/ Acesso em 6 jan. 2021.

[17] Cerca de 80 mil jovens participaram nos eventos em cada uma das cidades. Em 2018, ano em que foram realizadas as últimas eleições no Brasil, houve aumento na porcentagem de jovens de 16 e 17 anos que tiraram título de eleitor. Segundo dados analisados pelo jornal Folha de S. Paulo a partir de números divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), 29,5% desta faixa etária se encontrava apta para votar. O que corresponde a 250 mil novos eleitores. Houve um aumento em comparação a 2014, eleição que elegeu Dilma Rousseff, quando foi registrada a porcentagem de 23,9%. O interesse de jovens, de acordo com especialistas ouvidos pela Folha, tem relação com a forte presença deste público em redes sociais, ambiente em que políticos divulgam suas propostas, repercutem notícias e fazem pronunciamentos em tempo real, por meio de lives. Disponível em: https://coletivobereia.com.br/movimento-the-send-brasil-e-criticado-por-doutrinar-politicamente-jovens-evangelicos/ Acesso em: 21 jan. 2021.

país. Em Brasília, o evento teve a presença do presidente Bolsonaro.[18] No palco, ele cumprimentou a plateia, chamando-a de "ponto de inflexão" nas eleições de 2018; "Vocês decidiram, vocês mudaram o destino do Brasil. Devo a Deus a minha vida, devo a vocês a missão de dar um norte para o destino do nosso Brasil". Também voltou a dizer que "o Estado pode ser laico", mas que ele é cristão, arrancando aplausos da multidão. E acrescentou: "Estou aqui porque acredito no Brasil e nós estamos aqui porque acreditamos em Deus. O Brasil mudou. Palavras antes proibidas começaram a se tornar comuns: Deus, família, pátria. Somos um só povo, uma só raça". E finalizou:

> Ninguém esperava uma pessoa da minha origem e da minha atividade política conseguir vencer esse verdadeiro mecanismo, mais conhecido como establishment. Vocês fizeram diferença. Hoje, temos um governo que respeita os valores familiares, deve lealdade a seu povo e é temente a Deus. (METRÓPOLES, 2020, p.2).

Comentando o simbolismo dessa participação, Henrique Krigner[19] - jovem líder do The Send no Brasil - publicou em sua conta nas redes sociais:

> Bolsonaro desceu as escadas com lágrimas nos olhos dizendo "estou sendo muito tocado. Posso dar uma palavra?". Foram essas as palavras que ele usou e, diante disso, cedemos o espaço. [...] qualquer outro que com olho marejado nos fizesse esse pedido nós daríamos o mesmo espaço. É o momento que sai a "figura pública" e entra o ser humano por detrás do título. Foi lindo e agradeço a Deus por ter sido parte desse episódio que pra mim marca uma nova forma de impacto e influência na relação de crentes com líderes públicos. (BEREIA, 2020, p.3)

No Brasil, algumas igrejas têm disseminado essa visão de se ocupar lugares estratégicos em diferentes áreas do campo social e político.[20] Para isto, criaram nas últimas décadas estratégias, inclusive, para eleger seus representantes: vereadores, deputados estaduais e federais, além senadores.[21] A estratégia de inserção de evangélicos em setores estratégicos, idealizada pela *teologia do domínio*, também encontra guarida no governo Bolsonaro, espelhada nos cargos ocupados no primeiro e segundo escalões: o Ministério da Casa Civil, inicialmente sob comando do luterano Onyx Lorenzoni; o Ministério do Turismo, conduzido

[18] Damares Alves, pastora e ministra da pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, também participou do evento como uma das preletoras.

[19] Em suas páginas nas mídias sociais, mantém posicionamentos políticos em defesa da direita: nas eleições de 2018, afirmou: "Pela primeira vez a Igreja se reuniu em torno de um candidato em termo de presidência para votar [...] é uma reação à máquina que foi implantada no país"; oposição ao Movimento Lula Livre; crítica ao Supremo Tribunal Federal (STF), ao refletir sobre prisão e votação em segunda instância, referindo-se ao caso do ex-presidente Lula; intitula uma de suas páginas de *República de Curitiba* (em apoio alusivo à Operação Lava-Jato); foi candidato a vereador por São Paulo, nas eleições de 2020. Para mais detalhes, ver: https://www.facebook.com/RepublicaDeCuritibaBR/ Acesso em: 21 jan. 2021.

[20] Igrejas influentes, como a Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, têm investido nesta propagação, utilizando como nomenclatura "Visão dos Sete Montes".

[21] Em alguns casos, o mandato pertence à igreja; há também um direcionamento verticalizado para a eleição de seus candidatos pelos membros da comunidade de fé, havendo em alguns casos, inclusive, a criação de partidos políticos próprios, como é o caso do Partido Republicano, idealizado e pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus.

pelo membro da Igreja Maranata Marcelo Álvaro Antônio; o ministro-chefe da Secretaria de Governo, general Luiz Eduardo Ramos, é batista. Três são pastores: Damares Alves, pastora da Igreja Quadrangular (Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos); André Mendonça, pastor presbiteriano (Ministério da Justiça e Segurança Pública); Milton Ribeiro, pastor presbiteriano (Ministério da Educação). Além do que, a promessa de indicação para a vaga aberta no Supremo Tribunal Federal (STF), em julho de 2021, de "um ministro terrivelmente evangélico" (O GLOBO, 2021).

CONCLUSÃO

Percursos da participação evangélica na política no contexto brasileiro alternam diferentes comportamentos ao longo do tempo: do sigiloso apoio articulado no interior de lojas maçônicas durante o século XIX, seguindo-se por um tempo de indiferença, passou-se mais recentemente a uma mobilização nas ruas, para gritar em tom revolucionário frases contra a direita e de oposição às instituições do estado democrático de direito, pedindo, por exemplo, o fim do Supremo Tribunal Federal, fechamento do Congresso Nacional, além da volta de uma ditadura militar.

Como um dos elementos explicativos, deve-se destacar a importância dos elementos simbólicos, dos imaginários e crenças para se interpretar a cultura política no Brasil contemporâneo. Um contexto de incertezas e instabilidade, na última década, potencializou a necessidade de um líder carismático ou salvacionista. Conforme Bourdieu (2011, p.73,74), "quando a ordem estabelecida ameaça romper-se ou quando o futuro inteiro parece incerto", surge o "homem de situações extraordinárias", com a missão de reordenar o mundo percebido como caótico. Para isso, seu discurso é articulado a um determinado grupo social e a um capital simbólico acumulado no campo, do qual deriva seu poder. Ao trazer à realidade cotidiana mitos e imagens colhidos no imaginário, ele atinge seus objetivos (CAMPOS, 2019, p.364). Além da casualidade do nome – Messias -, representações messiânicas de longa duração histórica vieram à superfície, reunindo seguidores em torno de uma figura revestida de missão divina para reestabelecer a ordem social. Foi assim que o antigo sonho acalentado por um grupo religioso de eleger um mandatário político como seu representante parece ter finalmente se realizado, ainda que por meio de um "quase evangélico": "Foi muito caro a muitos evangélicos imaginar ter no poder maior do país alguém defensor de suas pautas, como 'homem simples, do povo, que fala o que pensa' e isto parece ter sido um propulsor do voto que descarregaram em Bolsonaro" (ÉPOCA, 2018, p.3).

É notório um avanço da direita sobre a esquerda, do dogma sobre a tolerância, do autoritarismo sobre a democracia, da belicosidade sobre o pacifismo, do negacionismo fantasmagórico sobre a ciência e a evidência. A história mantém assim seu dinamismo, quando o presente é revisitado pelo passado e quando os campos - político e religioso, aqui em análise - são capazes de operar transfigurações aparentemente ilógicas: um deputado de sete mandatos, projeta-se como um *outsider* anti-político; um candidato eleito para combater a violência, libera uso de armas e tem apoio de milicianos; um admirador de torturadores da ditadura, diz proteger a democracia; um governante que combate trabalhadores rurais por ocuparem terras de reforma agrária, flexibiliza a invasão de terras indígenas por latifundiários do agronegócio; um defensor da família tradicional e conversadora, que já se casou três vezes; um católico, aclamado por evangélicos como mito e seu representante.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos. O que é e como surgiu a maçonaria? **Super Interessante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-e-como-surgiu-a-maconaria/> Acesso em: 10 out. 2021.

BEREIA. Informação e checagem de notícia. Disponível em: https://coletivobereia.com.br/movimento-the-send-brasil-e-criticado-por-doutrinar-politicamente-jovens-evangelicos/ Acesso: 16 dez. 2020.

BERLATTO, Fábia; BOLOGNESE, Bruno; CODATO, Adriano. **Tipologia dos políticos de direita no Brasil**: uma classificação empírica. Análise Social, LIII, n. 229, p. 870- 897, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença.** Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado.** Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Bolsonaro – mito político ou líder carismático?. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil**: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Stiftung, 2020.

CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1824. Apud FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil**. Campinas: LPC, 1992.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

Época, 8/10/2018. Disponível em: http://www.ipuemfoco.com.br/2018/10/religiao-x-politica-como-bolsonaro-se.html Acesso em: 20 jan. 2021.

ESTADÃO, 4/8/2018. Bancada evangélica da Câmara oficializa apoio a Bolsonaro. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bancada-evangelica-oficializa-apoio-a-bolsonaro,70002532347> Acesso em: 11 out. 2021.

GERARDI, Dirceu André; MARIANO, Ricardo. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, no 120, 2019, p. 61-76.

GUILLEN, Fernando. **Sete montes**. Macaé: Editora Sete Montes, 2000.

MEP – Movimento Evangélico Progressista. Disponível em: <https://www.facebook.com/Movimento-Evang%C3%A9lico-Progressista-PE-980303712080925/> Acesso em: 15 set. 2021.

METRÓPOLES. Disponível em: https://www.metropoles.com/distrito-federal/politica-df/bolsonaro-participa-de-evento-evangelico-em-estadio-de-brasilia Acesso: 10 jan. 2020.

NETO, Odilon Caldeira. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus - Revista de História**, Juiz de Fora, v.18, n.1, p.147-165, 2012.

O GLOBO. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/; oglobo.globo.com> Acesso em: 10 ago. 2021.

REVISTA Impacto. O ensino das sete montanhas, 2/11/15. Disponível em: www.revistaimpacto.com.br Acesso em: 21 jan., 2021.

RODA VIVA. TV Cultura, Entrevista com Bolsonaro, 30/07/18. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lDL59dkeTi0&list=LLc2wK142IaZ_Lb_dOVifEwA&index=2880 Acesso em: 17 jan. 2021

TEIXEIRA, Francisco Carlos. Programa TV 247, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jPzdIWZJqrc Acesso em: 11 dez. 2020.

THE SEND BRASIL. História. Disponível em: http://thesend.org.br/historia-pt/ Acesso em 6 jan. 2021.

VALADÃO, Ana Paula (a). Youtube, 2018. Disponível em: https://www.otvfoco.com.br/ana-paula-valadao-apoia-bolsonaro-e-faz-discurso-agressivo-destruir-a-esquerda-podre/ Acesso em 31 jan. 2021.

_____ (b). Youtube, 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=mcQC6C6jdJ0 Acesso em: 16 jan. 2021.

VELOSO, Isabel. Religião e política: como Bolsonaro se tornou o candidato dos evangélicos. *Época*, 8/10/2018. Disponível em: http://www.ipuemfoco.com.br/2018/10/religiao-x-politica-

como-bolsonaro-se.html Acesso em: 20 jan. 2021.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e questão religiosa no Brasil**. Brasília: Editora Unb, 1980.

* * * * * **